

A MARUJADA DE SÃO BENEDITO: O PROTAGONISMO DA MULHER NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA AMAZÔNIA¹.

Adson Manoel Bulhões da Silva²

Iraildes Caldas Torres³

RESUMO

A Festividade de São Benedito acontece na cidade de Bragança, estado do Pará, no mês de dezembro, reúne uma multidão de fiéis que ao longo de 8 dias participam de vários ritos que fazem parte desse ritual maior, dentre os quais está a Marujada. Este trabalho também busca esclarecer uma doutrina de formação especificamente feminina, no que diz respeito à vocação natural da mulher, seu protagonismo social na Amazônia, destacando a formação da mulher, o mais importante, onde as “marujas” possuem um papel de destaque. O objetivo deste trabalho é descrever a estrutura da Marujada e analisar as percepções de homens e mulheres sobre o protagonismo das marujas nesse ritual onde se destaca a Capitoa. As reflexões em torno das temáticas, antes de ter a pretensão de impor uma verdade, busca dialogar séria e abertamente com outros posicionamentos a respeito do assunto.

Palavras-chaves: Marujada; Protagonismo; Feminina; São Benedito.

INTRODUÇÃO

Torna-se salutar o desabrochar a beleza da cultura popular para a análise científica no horizonte perspectivo enfatizado por Michel Maffesoli, ao propor que é preciso demarcar o caminho da pós-modernidade, da mesma maneira como fizera Descartes ao delimitar o da modernidade. O pensamento desse último e de vários outros teóricos, defensores da razão abstrata, em que a representação da ideia se separa da vida, já não consegue prevalecer na contemporaneidade, que é momento histórico em que a aparência, o senso comum ou a experiência vivida, por meio da razão interna, retomam uma importância que a modernidade havia lhes negado, a saber: é necessário iluminar os pensamentos que permaneceram na sombra da razão hegemônica, o que Boaventura de Sousa Santos chamou de “epistemicídios”.

Na “proliferação de epistemologias do Sul”, discute este autor, seria fundamental para reverter os processos de aniquilamento de epistemologias de povos e de comunidades fora

¹ Trabalho apresentado no GP expressões da Folkcomunicação na cultura. XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Universidade Federal do Amazonas- UFAM.

² Doutorando do Programa sociedade e cultura da Amazônia (UFAM), Mestre em Educação e Ética, especialista em literatura, ética e gestão e docência do ensino superior. Graduado em Pedagogia, História e Filosofia. Docente da universidade federal do Amazonas e da secretaria de educação estadual (SEDUC). E-mail: adson.manoel@bol.com.br

³ Professora e Coordenadora do programa sociedade e cultura da Amazônia (UFAM) E-mail: iraildes.caldas@gmail.com

deste eixo “modernizado” que operam por meio de mecanismos de “saber-poder” nas esferas econômica, cultural e de produção de conhecimento.

Nesse contexto, será trazida a superfície do conhecimento o protagonismo feminino nas festas da marujada Beneditana que ocorre anualmente na cidade de Bragança, estado do Pará.

Localizada à margem do rio Caeté, Bragança ainda guarda a tranquilidade de lugar do interior. Ornada de palmeiras, que lhe conferem uma imponência peculiar, a frente da cidade mostra toda a majestade e sensação acolhedora dos locais onde os rios ainda ditam o ritmo da vida. Possui, ao Norte de seu território, belezas incomparáveis que brotam de um ecossistema em que se destacam manguezais e quilômetros de praias.

O município de Bragança é uma das mais importantes da Zona Bragantina, referenciando-se pela população hospitaleira, o comércio, a agricultura, a organização socioeconômica e sua posição geográfica entre o Pará e o Maranhão. Antes da implantação da Estrada de Ferro de Bragança, em 1908, as relações com Belém e São Luís eram feitas através de viagens marítimas, demoradas e perigosas; ou então pela via do Guamá, onde metade da viagem era feita por terra, a pé ou a cavalo, a outra metade em embarcações, rio abaixo, até a cidade de Belém. Anos mais tarde, esse trajeto foi feito em pequenos navios da Companhia Costeira do Maranhão. Devido essa circunstância criou-se em Bragança uma sociedade estável devido às relações comerciais com a capital do Estado do Maranhão.

O compromisso deste estudo é traduzido, em última análise, nas fontes e na literatura ao redor da mágica Festividade de São Benedito em Bragança o colorido da Marujada, sua história e suas memórias. Dessa forma, na festa e na dança, na Literatura e no Folclore foram definidos alguns dos significados mais perenes da Marujada, de uma sociedade de frente para o rio, deixando de ser simples ficção e partindo para fatos da experiência humana, experiência essa que faz pontes entre livros e a vivência de sujeitos que perceberam suas vidas transformadas e construídas simplesmente numa cidade “ribeirinha”.

Na manifestação cultural bragantina e amazônica este folclore dispôs uma necessidade de afirmar-se, considerando o povo e suas tradições como de herança cultural européia, etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciada por índios e negros. Esta ambiguidade deu sempre às afirmações particularistas um tom de constrangimento, que geralmente se resolvia pela idealização dos espaços onde aconteciam as festas religiosas, como se pontuará adiante.

A FESTA DE SÃO BENEDITO E A DANÇA DA MARUJADA COMO REPRESENTAÇÕES DA CULTURA DA POPULAR.

*“Vou fazer uma canção Em louvor ao Santo Preto Canta povo bragantino Bendito, oh! Bendito Quando chegar dezembro Qual é o santo que está no andor? É São Benedito, com Nosso Senhor Marujada de São Benedito Em louvor ao protetor Vem vestindo azul ou vermelho carmim Na festa, no barracão Dança xote, mazurca e chorado Nos duzentos anos de louvação Mas fico mesmo encantado Quando dança retumbão.
SOARES Júnior, Luís Maria de Jesus & SILVA FILHO, Edu Nonato da. Marujada de São Benedito (1998), em comemoração aos seus 200 anos.*

A Festividade de São Bendito ou Santo Preto⁴ é organizada desde 1798, pela Igreja católica em atuação conjunta com a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança, que é responsável pela organização da Marujada. Dessa forma, a execução da dança da Marujada, acontece no Barracão da Marujada⁵, que é um dos principais espaço da Festa de São Benedito, é possível observar a estrutura do ritual e dos elementos que o integram.

A organização simbólica da festa é polarizada (religiosa e profana) gerou uma série de conflitos entre essa Irmandade que tem sua origem nas antigas Irmandades constituídas no Brasil colonial e que tinham um duplo objetivo: por um lado foram criadas como espaços de devoção para catequizar os/as negros/as e mantê-los sob controle; e por outro lado, se configuravam como espaços de resistência e preservação cultural por parte dos/as negros/as.

A Irmandade de São Benedito de Bragança formada em 1879, era uma Irmandade para negros/as escravizados/as fruto da identificação devocional compartilhada por estes, a permissão para organizar essa instituição em Bragança em louvor ao Santo Preto como espaço de devoção que despertou nos/as escravizados/as um sentimento de gratidão que foi demonstrado através de danças à porta dos senhores, o que se tornou ritual após a repetição anual. Sobre isso descreve Carvalho (2010, p. 78):

Mais especificamente no dia 03 de setembro de 1798, a pedido de 14 escravos, os senhores permitiram que fosse organizada a Irmandade da Marujada de São Benedito de Bragança. Em gratidão à graça alcançada, os escravos saíram às ruas de Bragança dançando em frente às casas de seus senhores, fazendo exhibições coreográficas. Tal fato repetiu-se com novos agradecimentos nos anos seguintes dando origem à Marujada, manifestação atrelada à Festa de São Benedito, comportando o sagrado popular.

⁴ Termo pelo qual é conhecido São Benedito, pela Igreja Católica, Santo Negro ou Benedito, o Mouro.

⁵ Espaço onde marujos e marujas se reúnem para participar do ritual da dança da Marujada em honra a São Benedito. “Espaço de disciplinaridade e reafirmação do grupo; onde se interpenetram as relações de saber e de poder, uma vez que, por mais livre que seja a dança, ela apresenta regras, limites demarcatórios” (SILVA, 2003). É espaço também onde ocorrem os ensaios das danças durante período que antecede a festa, considerado aqui como espaço importante por propício a intensa sociabilidade.

Para uma compreensão da importância da cultura no contexto da marujada bragantina, junta-se, a essa proposta de reflexão entre imaginário e identidade cultural. Nesse pressuposto no referenciamos na concepção de folkcomunicação enquanto teoria que toma como objeto de estudo aspectos da prática cotidiana de grupos silenciados que criam meios próprios para divulgar seus fazeres e saberes, ou seja, é uma teoria permite analisar os processos comunicacionais que ocorrem nas manifestações da cultura popular.

A Folkcomunicação vem preencher uma lacuna teórico-metodológica na América Latina, dando suporte às pesquisas comunicacionais, verificando como se processa a difusão de informações na comunicação popular. Dessa maneira, a Folkcomunicação pode ser utilizada, não somente no contexto latino-americano, mas em contextos que compartilhem da mesma realidade de subdesenvolvimento e que, através das manifestações folclóricas, possam gerar o desenvolvimento regional (Rogers, Schramm). (AMPHILO, 2012, p. 7).

Ao considerar as características da marujada citadas anteriormente, a partir da teoria de Luiz Beltrão, os processos comunicacionais estão vinculadas às práticas socioculturais. Na perspectiva da folkcomunicação, a festa beneditana contém aspectos de permanência e continuidade; à organização e desenvolvimento das atividades religiosas e profanas, e aos vínculos originados com os meios de comunicações, sejam eles locais ou não, onde o emissor e receptor participam efetivamente no processo comunicacional.

O PROTAGONISMO E O EMPODERAMENTO FEMININO NA CULTURA AMAZÔNICA.

O nome “Amazônia” deve ao protagonismo histórico das icamiabas⁶, vistas como as lendárias amazonas pelo grupo de navegadores aventureiros espanhóis liderados pelo capitão Francisco de Orellana, que remeteu do Peru pelo Rio Amazonas em rumo ao Oceano Atlântico no século XVI. Diante dos escritos, a suposta batalha travada por aquelas mulheres guerreiras contra os forasteiros espanhóis foi registrada com um misto de admiração e perplexo, além de uma boa dose do que se poderia chamar de realismo fantástico, por frei Gaspar de Carvajal, o cronista oficial da expedição castelhana.

A figura da mulher está sempre presente no interior cultura, representando funções bem definidos e que procuram transmitir toda a força, protagonismo e também delicadeza que esta contém tanto no meio social como também nas representações simbólicas e na cultura imaterial tais como mitos e lendas.

⁶Icamiabas' ou iacamiabas (significando "peito partido") é a designação genérica dada a índias que teriam formado uma tribo de mulheres guerreira que não aceitavam a presença masculina.

Sobre este aspecto, Huanacuni (2007) observa que a cultura da floresta apresenta forças duais igualmente importantes: a cósmica, que provem do céu, e a telúrica, associada com a terra ligada espiritualmente ao ancestral *Pachamama*⁷ ou Mãe-Terra. Ambas as forças convergem no processo da vida, geram toda forma de existência, pressupondo que tanto o orgânico quanto o inorgânico tem vida e espírito.

Entender as situações variadas vividas pelo homem, fazê-lo(sic) compreender o mundo em que vive, reconhecer a realidade que se manifesta, relacionar a vida com a criação dos deuses e todas as coisas, tudo isso está conservado nos mitos, e o homem moderno necessita dessa forma de imaginação, pois o que acontece no mundo atual é que ele costuma rejeitar qualquer mistificação, não aceita facilmente um modelo de humanidade fora da condição humana tal como ela é. (SOUZA, 2011, p.28)

A colisão entre os dois povos legou a história pelos séculos posteriores a imagem de guerreiras nativas, dispostas à ação contra quem quer que seja para fazer prevalecer sua liberdade e soberania. Na atualidade, parte desta mística centenária está sendo incorporada por mulheres da região amazônica, numa espécie de reavivamento do ancestral protagonismo feminino motivado pela aura ancestral das mitológicas Amazonas.

Historicamente a mulher vem lutando para galgar espaços sociais, pois como afirma Perrot (1992, p75.) “Da História, muitas vezes a mulher é excluída”. Muitas foram e continuam sendo as lutas das mulheres para tornarem-se visibilizadas na sociedade. Estudos sobre a mulher vêm sendo desenvolvido, mas ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. Como é o caso do estudo acerca do protagonismo e empoderamento das mulheres amazônicas. Essa atuação das artesãs sugere um estudo acerca da relação de gênero e trabalho na Amazônia. Pois como afirma Torres (2015, p. 19) “ É preciso quebrar o silêncio de gênero na floresta amazônica...”

De acordo com Margareth Rago (1995), esse pesquisador deixou em evidência sua crítica severa aos estudos que enfatizavam as análises das identidades prontas e aos que marginalizavam as construções simbólicas e culturais dos agentes em suas experiências de vida. No interior de sua proposta da desnaturalização dos sujeitos e dos objetos históricos e da concepção dos discursos como práticas instituintes de realidades, tem-se a necessidade de entender os indivíduos em suas facetas de produtores e produtos das construções sociais e culturais.

Portanto, é inegável que a maior prova de que o verdadeiro problema a ser enfrentado, antes mesmo de ser social e de ordem da própria essência do ser humano, parte da

⁷ Pachamama, é conhecida também como a Mãe Terra. Ela que representa a Deusa maior em muitas culturas, capaz de mudar todo o sentido na vida de muitas pessoas trazendo prosperidade, sustento e boa energia.

falta de compreensão do valor integral e inviolável da pessoa da mulher. Assim, com a ascensão das mulheres amazônidas aos postos de liderança, alcançou-se um novo patamar nas relações entre os gêneros, sinalizando para a concretização dos anseios universais por uma sociedade mais justa, em que as oportunidades de desenvolvimento humano sejam iguais para todos. No contexto de reconstrução identitária individual e coletiva colocado em evidência pela nova face do feminismo e da feminilidade.

O PROTAGONISMO FEMININO NA MARUJADA DE SÃO BENEDITO.

Na Marujada nos chama a atenção à presença feminina marcante, tanto na organização da festa quanto na realização das danças, e por ocuparem as principais funções que estão no topo da hierarquia. Elas também são destaque até nos ritos mais importantes da festa de São Benedito, como a procissão que ocorre no dia 26 de Dezembro, onde sua presença se faz perceber pela suntuosidade dos trajes. Vestidas com seus trajes compostos por saias longas com cores que variam de acordo com o dia da festividade (azul ou vermelho), com chapéu ornado de penas de pata brancas, e de fitas coloridas que se estendem até próximo ao chão, sendo uma dessas fitas na cor preto, para simbolizar a cultura negra de onde se originou a dança da Marujada. Enquanto os trajes dos homens são simples, geralmente de uma única cor, o branco, assim como o chapéu branco que possui apenas uma fita vermelha como adorno (alguns marujos usam um espelho como adorno no chapéu).



Imagem-1: Marujas de vestimenta Azul. Fonte: Silva (2018).



Imagem-1: Marujas de vestimenta Azul. Fonte: Silva (2018).

As mulheres que atuam da Marujada são de diferentes faixas etárias, tanto na idade quanto na condição econômica. A maioria vive nos bairros situados na periferia da cidade de Bragança e exerce diferentes atividades econômicas, e também ocupam funções distintas na sociedade local. Porém no espaço da Marujada e da festa de São Benedito, elas são as personagens centrais nos rituais secundários que compõem a festa de São Benedito como um todo, e formam uma coletividade ao partilhar interesses comuns, uma mesma devoção e realizar ritos que reforçam laços de solidariedade.

Embora não tenham o controle político da festa, pois este está nas mãos de pessoas que pertencem às famílias de maior poder aquisitivo de Bragança, nesse momento da festa, principalmente durante a realização da procissão e da Marujada, as mulheres são as principais personagens.

Sobre a importância da mulher no desenvolvimento da cultura e da arte João Paulo II versa:

Sim, é tempo de olhar, com a coragem da memória e o sincero reconhecimento das responsabilidades, a longa história da humanidade, para a qual as mulheres deram uma contribuição não inferior à dos homens, e a maior parte das vezes em condições muito mais desfavoráveis. Penso, de modo especial, nas mulheres que amaram a cultura e a arte, e às mesmas se dedicaram partindo de condições desvantajosas, excluídas frequentemente de uma educação primária, submetidas a inferiorização, ao anonimato e até mesmo à expropriação da sua contribuição intelectual.[...] quantas mulheres foram e continuam sendo valorizadas, mas pelo aspecto físico que pela competência, pela profissionalidade, pelas obras de inteligência, pela riqueza de sua sensibilidade e, numa palavra, pela própria dignidade do seu ser? (JOÃO PAULO II, 2005, p.09-10).

Observar-se que na linha de pensamento ressaltado, a uma preocupação séria e sincera com a situação social da mulher. Admite-se e reconhece-se que a mulher foi objeto de injustiça e privações no decorrer da história e continua sendo ao ser valorizada apenas por seus atributos físicos.

Na marujada, podemos destacar que se trata de uma manifestação onde a presença das mulheres ocupando os cargos situados no topo da hierarquia, sugere a presença de elementos de um matriarcado, onde todos/as são comandados/as pela Capitoa⁸. A partir de entrevistas realizadas com três homens, todos marujos com idade entre 22 e 33 anos; com o presidente da irmandade com a idade de 65 anos; e com cinco mulheres, na faixa etária de 33 e 73 anos, todas marujas associadas ou não à Irmandade da Marujada de São Benedito, mas que participavam dos rituais da Marujada, foi possível analisarmos as percepções de marujos e marujas a respeito da presença das mulheres na Marujada, como se segue a as entrevistas seguintes.

Ao ser entrevistada, Dona Rosa, 82 anos, esclareceu que participa como Maruja há 25 anos, fala enfatiza que com a chegada do mês de dezembro as mulheres iniciam os preparativos para a festa, que consiste na realização dos ensaios para as apresentações que ocorrerão nos dias 25 e 26 de dezembro.

No relato da Dona Rosa torna-se evidente uma percepção da participação na festa e na Marujada como um momento não apenas de devoção e pagamento de promessas e realização de oferendas a São Benedito, ou seja, um tempo de estabelecer contato com o sagrado, e também como um momento de diversão, porque ocorre o encontro de mulheres de vários lugares do Brasil, que transformam o barracão de ensaios, e outros espaços da Festa de São Benedito em espaços de reencontros, de vivenciar momentos de alegria, e também de fortalecer os laços de solidariedade e de companheirismo entre as marujas:

“[...] é uma alegria pra gente, quando chega o dia do ensaio, do derradeiro ensaio, no dia 24. A gente se encontra, no ensaio geral, tá todas as marujas, de longe e de perto. A gente se abraça, chora, é uma coisa, e a gente se gosta, sabe? Uma irmandade que a gente se ama”.

Outra personagem feminina entrevista foi a Dona Zuleide, 55 anos, que também partilha dessa visão sobre o significado da Marujada para as mulheres que dela participam, como um ritual que favorece a criação de espaços de convivência, de encontro e união: *“[...] chega nossas festas é tempo que a gente se une [...] É mais união. Acabou a festa acabou as união. A gente se separa, vai pra um canto, vai pra outro. Aí pronto, aí só se vê no tempo de*

⁸Capitoa é o cargo mais alto da hierarquia da Marujada, que é vitalício, geralmente ocupado pela mais velha do grupo, que desfila carregando um bastão dourado simbolizando sua autoridade.

novo da Marujada, no tempo da gente se unir de novo". Assim, a festa é um tempo de encontro, de união e de celebração, seja nos momentos que antecedem a realização dos rituais ou das danças, seja durante a execução.

Nesse contexto, a festa de São Benedito permite a criação de espaços que favorecem a sociabilidade, a aproximação das pessoas que procedem de diferentes lugares, e que após as celebrações se dispersam, no passado esse ritual reunia pessoas que se consideravam parte de uma instituição, a Irmandade de São Benedito, que era marcada por laços de solidariedade, reciprocidade e de vínculos outros que extrapolavam o campo da religião, e alcançava a identidade étnica e cultural.

Portando, as mudanças que se observa hoje indicam uma perda histórica do sentido original dos ideais que davam sentido a Irmandade, pois significa que a união que ocorre durante a festa se contrapõe ao tempo da desunião, como destaca a fala da Dona Zildene. A Marujada não é apenas esse momento de solidariedade, de reforçar laços sociais ou de diversão, de alegria, ela é, sobretudo, um momento de devoção onde ocorre o pagamento de dádiva, das promessas feitas para com São Benedito, e da graça alcançada, que se torna uma dádiva no sentido atribuído por M. Mauss (1974).

No relato de Dona Zilda o ato de dançar na Marujada está relacionado ao pagamento de uma dádiva, e por isso ela tem um significado especial: *"Significa que é promessa, né? A gente fazendo uma promessa pra, enquanto for viva, sair [vestida] de Maruja. A gente tem que cumprir"*. Para Dona Antônia, 53 anos, que é Maruja há dois anos, participar da Marujada tem o mesmo significado atribuído acima pela Dona Antônia, ou seja, como forma de pagar uma promessa, caso fosse curada de uma enfermidade, que ela seria Maruja até o fim de sua vida.

Portando, a devoção beneditana permite a realização de um pedido e o pagamento de uma promessa, norteia a vida desses sujeitos, tornando-se parte de seu cotidiano, das suas ações, e um elemento fundamental na construção de sua identidade individual e coletiva. Com relação à importância da presença das mulheres na festa, a Dona Antônia enfatiza o papel da Capitoa como sendo uma autoridade que, segundo ela, *"[a capitoa] que manda e desmanda aí"*.

Já Dona Zilda, que é Maruja, também reconhece a importância dessa participação das mulheres, representada principalmente pela personagem da Capitoa, *"[...]a gente sente que é mandada por ela. A gente é mandado por ela e pelo Careca que é presidente das Marujas"*. Na sua fala percebe-se que embora a Capitoa seja uma figura central, ela parece estar subordinada a um homem, que é o presidente da Marujada.

Nessa perspectiva, é possível percebermos que para a maioria do/as entrevistada/os a participação na Marujada foi motivada pela necessidade de pagar uma promessa, onde o promesseiro, ou a pessoa que seria beneficiada com a graça concedida pelo Santo, deveria participar desse ritual até sua morte. Isso denota que a participação na Marujada se mantém não somente como compromisso religioso ao Santo Preto, mas como um compromisso intergeracional que instaura uma tradição de dádiva e contradádiva que passa de pai/mãe para filho/filha, e que ao mesmo tempo, reforça e dá continuidade à devoção a São Benedito. Contudo, há quem diga que é devoto somente da Marujada.

Como é perceptível, na visão feminina, as mulheres se atentam mais para o sentido devocional, e logo se reportam à Capitoa como referência do feminino na festa. Na visão masculina, as falas referenciam a presença feminina associando-as à indumentária, ao glamour da festa, expondo uma visão da mulher como parte do arranjo da festa, apontando diferentes visões entre os gêneros masculino e feminino.

CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho procuramos salientar que a realização da Marujada contribui para reforçar um sentimento de solidariedade e comunidade, que é reforçado pela parceria que existe entre a Capitoa e as Marujas, onde aquela exerce papel fundamental na organização dos ritos, e logo essas se reportam à Capitoa como referência do feminino na festa, para além disso, todos/as reverenciam e reconhecem a Capitoa como comandante da Marujada. Nesse sentido, a folkcomunicação, também obtém torna-se salutar, pois se utiliza de mecanismos rústicos de difusão para as expressões culturais em linguagem popular, sedimentando processos de hibridação simbólica presente nas manifestações da religiosidade popular da comunidade bragantina.

O que apresenta-se ao meio acadêmico é fruto de um pensamento reflexivo, maturado muito mais em incertezas do que certezas; frente ao entusiasmo com a perspectiva de se torna possível o reconhecimento do protagonismo feminino na Amazônia capaz de fazer brotar de suas entranhas uma nova face do meio social agora o que visto com “olhos de mulher”.

Portanto, o estudo realizado é de fundamental importância para a busca de um terreno de diálogo interreligioso e intercultural, pois as investigações oferecem-nos uma resposta adequada por meio dos relatos apresentados. Assim, proposta oferece um ponto de encontro e de diálogo não apenas para questões antropológicas, mas também para questões religiosas, onde é colocado no centro de suas discussões o ser humano com sua dignidade e seus valores.

REFERÊNCIAS

- AMPHILO, Maria Isabel. **A gênese da folkcomunicação**. Revista Internacional de Folkcomunicação, Ponta Grossa/PR, v. 10, n. 21, p. 13-30, set./dez. 2012. Disponível em: . Acesso em: 3 de mai. 2018.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- BOAVENTURA, S. S Meneses, M.P **Epistemologias do Sul**. Coimbra. Almeidina , 2009.
- CARVALHO, Gisele Maria de Oliveira. **A festa do “Santo Preto”**: tradição e percepção da Marujada Bragantina. Dissertação (mestrado) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, DF, 2010.
- CORRÊA, E. **Mulheres Marujas de Bragança: percepções do lugar do feminino na Marujada de Bragança** – Pará. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2014.
- HUANACUNI, Fernando. **Cosmovisión andina**: Tierra y territorio - autodeterminación de los pueblos. In.Sariri-Caminante de los Andes, junio 2007.
- JOÃO PAULO II. **Carta do Papa João Paulo II às mulheres**. 3.ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da Razão Sensível**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- MAUSS, M. **Ensaio Geral sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. In: Antropologia e Sociologia. Vol. II. São Paulo: Edusp, 1974.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- RAGO, Margareth. **As Mulheres na Historiografia Brasileira**. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.
- SILVA, C. R. da, SANTIAGO, É. de Q., TRINDADE, J. R. T. da, MELLO, N. F., PALHETA, R. C. A., FERNANDES, R. S., AMARAL, O. Marujada(s): a tradição ainda resiste. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, 2010. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-2747-2.pdf> >. Acesso em: mai. 2018.
- SOUZA, Anervina. **As Lendas Amazônicas em Sala de Aula: Apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural**. Manaus: Editora Valer, 2011.
- TORRES, Iraildes Caldas. **As novas amazônidas**. Manaus: Edua, 2005.
- TORRES, Iraildes Caldas. **Constituição etnográfica da comunidade Nossa Senhora de Nazaré do Barro Alto**. In: TORRES, Iraildes Caldas. (Org.). **O Ethos das mulheres da floresta**. Manaus: Editora Valer/ FAPEAM, 2012.
- TORRES, Iraildes Caldas. **Noção de trabalho e trabalhadores na Amazônia**. Artigo apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Centro de Estudos Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra. 2004.
- TORRES, Iraildes Caldas.(Org.). **Entrelaçamento de gênero na Amazônia**. Manaus: Valer, 2015.
- TORRES, Iraildes Caldas.(Org.). **Mulheres Sateré- Mawé, a epifania de seu povo e suas práticas sociais**. Manaus: Valer, 2014.